

MULTIMODALIDADES NO PAPEL E NAS TELAS DIGITAIS: ESCRITA COMO TECNOLOGIA DA LINGUAGEM E DO DISCURSO

Robério Pereira Barreto

jpqbarreto@gmail.com/rpbarreto@uneb.br
<http://lattes.cnpq.br/1366165411362175>

RESUMO o presente artigo explora a interseção entre multimodalidades, tecnologia da linguagem e discurso, considerando tanto o meio tradicional do papel quanto as modernas telas digitais. A evolução da comunicação textual nos últimos anos tem sido marcada por uma transição significativa do papel para o digital, influenciando não apenas a forma como consumimos informações, mas também a maneira como produzimos e interpretamos textos. A análise de textos como modos semióticos abre espaço para compreendermos a complexidade dessas transformações, considerando as diferentes linguagens envolvidas, desde as palavras escritas até as imagens, vídeos e outros elementos multimodais.

Palavras-chave: Multimodalidade, tecnologia da linguagem, escrita, TDIC.

INTRODUÇÃO

Este artigo explora as multimodalidades presentes tanto no meio tradicional quanto no digital, considerando o texto como um modo complexo de comunicação. De maneira que a passagem do papel para as telas digitais tem desencadeado mudanças profundas na forma como nos comunicamos.

A digitalização do texto trouxe consigo uma variedade de modos semióticos, que vão além das palavras escritas. A compreensão do texto como um modo semiótico envolve a análise de diversas informações nele contido, incluindo linguagem verbal, visual, gestual e sonora. No papel, a predominância recai sobre a linguagem escrita, enquanto nas telas digitais, observamos uma fusão de diferentes modos, como texto escrito, imagens, vídeos e interações multimodais. A interação desses elementos contribui para a construção de significados mais ricos e complexos.

A tecnologia desempenha um papel crucial na evolução da linguagem e do discurso. No contexto digital, as ferramentas de processamento de linguagem natural e inteligência artificial têm impactado não apenas a produção, mas também a compreensão de textos. A análise de sentimentos, a personalização de conteúdo e a tradução automática são apenas algumas das inovações que moldam a maneira como interagimos com a linguagem. A transição para o digital

não está isenta de desafios. Pontos como a acessibilidade, a confiabilidade da informação e a sobrecarga de estímulos visuais e auditivos destacam-se como áreas de preocupação. No entanto, as oportunidades para a criação de narrativas mais envolventes, interativas e personalizadas também são evidentes.

Diante disso, neste texto defendo que a escrita compõe o arcabouço das tecnologias da linguagem e do discurso e, como tal, permite a produção de gêneros textuais-discursivos em diversos modos semióticos de acordo com os suportes analógico e digital onde é compartilhada. Nesse conjunto se incluem as redes sociais e digitais que influenciadas pelos algoritmos inteligentes (IA) dão fulcro e medeiam as práticas de linguagem e discursivo nos contextos sociosemióticos das tecnologias digitais de informação e comunicação TDIC¹.

Assim, o autor-escritor ao colocar suas ideias abertas ao debate público, quer seja no papel ou em ambientes digitais, se posiciona enquanto sujeito das linguagens e dos discursos, interpretando, mediante vivências com e no mundo das linguagens, o contexto social à sua disposição. De outra parte, o leitor, por sua vez, interage com o (con)texto e o recebe a partir de seus conhecimentos sociosemióticos prévios, à medida que a comunicação nas cidades modernas expande, com ela surgem complexidades discursivas; textos e publicações impressas com informações políticas e sociais importantes são registradas em formatos multimodais – textos, infográficos, imagens, etc. – em arquivos, livros. Entretanto, contemporaneamente, as produções textuais se apropriaram da multimodalidade, agregando em suas textualidades, modos semióticos cujas mobilidades da escrita, da imagem e do som mobilizam procedimentos moventes em que produção, a edição, as remixagens, o armazenamento e a recuperação ocorre através de buscas em nuvens, por meio de toque nas telas se tem o mundo na palma das mãos.

1 Para fins didáticos, esclareço que o conceito de tecnologia usado no decorrer desse texto está para além do senso comum. Máquinas que contêm embarcado em si conhecimentos recuperáveis e aplicáveis a tarefas intelectuais de maneira neutra, tendo apenas o apertar do botão pelo humano. Nessa altura dos acontecimentos, a interação do humano com a Inteligência Artificial (IA) se torna cada vez mais real, penso tecnologias como práticas multimodais de linguagem e de discurso em rede, onde a convergência de saberes humanos e não humanos compõe a complexidade dos sentidos sociosemióticos da interação homem-linguagem. Isto é, homem é portador de modos semióticos e tecnologias que o torna tecnologicamente produtor e consumidor de sua própria competência linguística, a aquisição de práticas de linguagem e discurso cujos formatos multimodalidades – a oralidade e a escrita – o faz diferente dos outros seres da natureza.

Dessa maneira, transpondo as palavras de Freire (1989): “a leitura de mundo precede a da palavra” (Freire, 1989, p. 9) para o aqui e agora, considero que para ler o “mundo” contemporâneo marcado por múltiplos letramentos, demanda do leitor outras habilidades de leitura, uma vez que a sociedade se tornou e digital e a construção de sentidos é perpassada pelas sociosemioses da cultura digital.

Diante disso, o objetivo dessa abordagem é mostrar que texto é um modo semiótico integrado as tecnologias das linguagens – fotografia, oralidade, cinema, etc. – compondo a multimodalidade das tecnologias digitais que, postas a serviço da interação semiótica do homem “impactam e dominam nossa experiência subjetiva no mundo” (Santaella, 2016, p. 15).

Para discorrer sobre isso apresento algumas teses, a saber a) no contexto de ambientes digitais se produz texto em movimento, isto é, os “produtores de conteúdo multissemióticos” *online* produzem seus textos, a partir das multimodalidades e das convergências de linguagens embarcadas nos *smartphones*, *tablets*, etc. Isto, sem dúvidas, garante as mobilidades linguísticas e cognitivas da rede, visto que tais equipamentos são levados para todos os lugares, tornaram-se extensão do corpo e da mente; b) os textos são, por si, rascunhos editáveis consoante o olhar – comentários – dos leitores que, em movimento também se posicionam sobre a textualidade da mensagem lida, ouvida, ou visualizada; c) recorrência de elementos multimodais na estrutura semântica e literária da mensagem e; d) os leitores digitais realizam leituras escaneando a tela dos dispositivos em tempo e espaços dinâmicos.

Para fins de didático faço recorte e cito no corpo do texto, apenas parte da bibliografia referência na discussão, a saber: Kress (2003) semiótica social; Kress e van Leeuwen (2006) Multimodalidade (GNL, 1996); Santaella (2016), Eco (2010) sobre a importância do livro enquanto suporte e evento sociosemiótico no qual o texto é posto em movimento; Jenkis (2009) por mostrar que a *cultura da convergência* e a *convergência digital* são terrenos férteis para que as criações sociosemióticas ampliem seus alcances comunicativos nas redes de compartilhamentos, entre outros.

2. 2. Convergências de multimodais: linguagens, discursos e tecnologias: a produção textual do papel às telas digitais

As sociedades antigas recorreram a tecnologias da linguagem – escrita – e seus suportes – códice, livros, tabuletas, etc. – para assegurar a sobrevivência e o poder de seus membros. Então, tecnologias são, na verdade, apêndices físicos e cognitivos do corpo humano, para ampliar a sua capacidade comunicativa e persuasiva diante das adversidades impostas tanto pela sociedade letrada no que diz respeito ao consumo de informações registradas nos diversos modos semióticos.

Dizendo de outra maneira, as sociedades primitivas cuja oralidade foi tecnologicamente transposta para os registros imagéticos e, em seguida, estas imagens foram representadas via descrição escrita.

Nesse contexto, importa considerar a escrita, depois do fogo, obviamente, como sendo, talvez, a maior de todas as ações empreendedoras no campo da criação e da inovação tecnológica. Resgato esta questão sem, contudo, cair no debate apaixonado; a escrita mudou a relação dos homens entre si e a natureza. Assim, posiciono a escrita ante as tecnologias da linguagem para a formação cidadã e escritora de crianças e jovens, como ferramenta imprescindível à sobrevivência nas comunidades letradas digital e multimodal.

A sociedade está conectada e submersa cada vez mais na cultura digital, ou alijada dela – falta de conexões de qualidade – e o aumento exponencial do uso das redes sociais e jogos digitais pela população mundial faz com que o cidadão independentemente de sua vontade consome informações formatas em diversas multimodalidades – textos, imagens, podcast, shorts vídeos, etc. Assim sendo, se reconhece que a maioria das trocas culturais, linguísticas e sociais são compartilhamentos nas redes, ocorreram por meio de produções multimodalidades recorrentes no ambiente digital.

Entretanto, vale lembrar que conceito de escrita na contemporaneidade está para além do ato de reproduzir letras, em palavras em orações e, por fim, agrupá-las num texto. Contemporaneamente, escrever é um ato social marcado pelo uso de múltiplos modos de sentidos, ou seja, o escritor que transita do papel às telas, habilmente, agrupa em sua produção múltiplas linguagens, buscando a interação com leitores letrados digital e multimodalmente. É válido afirmar ainda que tal imersão ampliou nestes sujeitos, deslocamentos cognitivos para além dos processos de leitura até então aprendidos por meio do *letramento impresso*² oferecido pela escola por décadas.

Para esse momento, vale questionar: o que é ser escritor hoje? Responder essa questão está além de nossa capacidade, visto que outra pergunta se insurge aí. O livro e a tela são, de fato, tecnologias da linguagem capazes de transportar e exportar informações, potencializando a formação escritora e cidadã para se escrever no papel e na tela?

2 Aplico tal termo à maneira de Dudeney (2016, p. 23), o qual assevera que se trata da “habilidade de compreender e criar uma variedade de textos escritos que abrange o conhecimento de gramática, vocabulário e características do discurso simultaneamente com as competências da leitura e da escrita” (Dudeney, 2016, p. 23).

À maneira de Eco (2010) considero que o livro é uma destas invenções que a sociedade tem como referência insubstituível, enquanto tecnologia de linguagem. “[...] O livro se apresenta como uma ferramenta mais flexível. O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados. Você não pode fazer uma colher melhor que uma colher” (Eco e Carrière 2010, p. 17).

O livro evoluiu em formato, gênero e linguagem de acordo com tempo e as necessidades do leitor, graças às novas descobertas de matérias de impressão e de plataformas digitais. “O livro ainda é o meio mais fácil de transportar informação. Os eletrônicos chegaram, mas percebemos que sua vida útil não passa de dez anos. Afinal, ciência significa fazer novas experiências. [...] temos livros que sobrevivem há mais de cinco séculos? (Eco, et al., 2010, p. 153).

Assim sendo, as tecnologias de linguagem e digital – edição, remix, etc. – empregadas na edição de livros impressos dominam a sociedade de tal modo, que se tornou *posição* social ser escritor de livro impresso. Reconhece-se, o livro em seu formato moderno com objeto de poder e saber intelectual, ao tempo em que, o reconhecemos como uma tecnologia da linguagem fundada na escrita e no discurso.

(...) o “e-book” não matará o livro — como Gutenberg e sua genial invenção não suprimiram de um dia para o outro o uso dos códices, nem este o comércio dos rolos de papiros ou volumina. Os usos e costumes coexistem e nada nos apetece mais do que alargar o leque dos possíveis. O filme matou o quadro? A televisão, o cinema? (ECO, et al., 2010, p. 35).

O livro, mesmo tendo circulado de maneira “ampla” na sociedade desde a prensa de Gutenberg no século XV, não conseguia atender a massa desejosa por informação; a população, à época, em sua maioria analfabeta, não entendiam a tecnologia – escrita – empregada no livro. Para preencher esta lacuna comunicativa e interacional, o modo semiótico – oralidade – assume seu lugar social de tecnologia da linguagem, entrando em cena a leitura oral de textos impressos, momento em que à escrita são incorporados outros modos semióticos – gestos, entonação, prosódias, etc. – à comunicação social. (Embora não seja objeto dessa abordagem, o teatro situa-se facilmente neste conjunto sociosemióticos).

Potenciais escritores mesmo tendo acessando as tecnologias digitais de informação e comunicação – TDIC –, ainda não têm tido a formação escolástica necessária para os múltiplos letramentos requeridos e instituídos pela linguagem e seus códigos multimodais considerados nos livros impressos, tampouco nos livros digitais.

Diante desse quadro, vicissitudes instigam também outros modos de escrever e ler tanto no papel quanto na tela. É importante considerar que, na realidade, a formação de leitor ocorre através do esforço de professores amantes dos livros. Estes profissionais da educação atuam, na maioria das vezes, com projetos de leitura, tendo o letramento impresso como metodologia e ferramenta formativa de leitores. Até então deu certo, respeitadas as suas fragilidades. No entanto, a cultura digital mostra quão imprescindível é a formação de escritores habilitados para interagir com as produções multimodalidades cada vez mais convergentes na comunicação mediada nas redes sociais por modos semióticos diversos a disposição de todos.

Para Jenkins (2009) a *cultura da convergência* e a *convergência digital* (2010) permitiram as várias plataformas de mídia, a mitigação de parte da defasagem do acesso aos letramentos; quer seja letramento impresso ou digital – rádio, televisão, música, notícias, livros, revistas, jornais –, numa perspectiva de superar a dicotomia escola leitura – letramento impresso – sociedade, leitura em mídias e redes sociais – letramento digital. O autor ressalta que a convergência de tecnologias digitais e de linguagens promove transformações em nossas vidas a tal ponto, que a forma de produzir e consumir e compartilhar textos – livros impressos ou digitais – ampliam as perspectivas das culturas letradas, porque tecnologias da linguagem é uma revolução no acesso ao texto.

O texto – livro impresso ou digital – em sua linguagem e formato, por séculos, impresso reina soberano na cultura como meio de comunicação entre gerações e culturas. Contudo, as tecnologias digitais da linguagem conduziram à inovação e, assim, as técnicas de escrita com formatação em linguagem binária 0 e 1, voltadas à produção escrita nos ambientes e redes sociais digitais, formataram desde textos correntes a literatura digital, agregando a ela elementos multimodais se sociossemióticos.

A interação entre as múltiplas linguagens leva às convergências das multimodalidades e nas redes sociais, assegurando uma produção textual multissemiótica veiculadora de mensagens nos dispositivos e plataformas digitais. A partir daí, temos como exemplo à compreensão de que “A literatura digital é aquela obra literária feita especialmente para mídias digitais, impossível de ser publicada em papel, pois utiliza ferramentas próprias das novas tecnologias, como animações, multimídia, hipertexto, construção colaborativa” (Spalding, 2018, p. 207). Porém, vale reconhecer que o livro em sua linguagem e formato impresso reina soberano por vários séculos na cultura como meio de comunicação entre gerações e culturas.

3. Práticas de escritas multimodalidades no tempo das telas: dialogando com algoritmos inteligentes

Desde o aparecimento da escrita há séculos não param de aparecer dispositivos novos para a produção e o suporte de textos. Neles, ideias foram marcadas por vários modos semióticos em papiros, pergaminhos, tabuletas e, hoje, registrar eventos sociais importantes está para além de desenhos e letras no papel, contam-se com as tecnologias digitais de informação e comunicação - TDIC –, às quais foram agregados algoritmos inteligentes capazes de, a partir de um comando – prompt – rastrear, identificar, selecionar e produzir conteúdo complexo no estilo, conteúdo verbal e imagético materializam a textualidade.

Dessa maneira, a produção textual hoje é demandada pelo contexto digital da linguagem, isto é, escrever num mundo mediado pelas tecnologias de linguagem mais recentes – câmeras, smartphones, tablets, sites, redes sociais – é uma ação altruísta, pois requer do produtor textual, habilidades sociossemióticas que se encaixem no uso das tecnologias de escrita e edição de textos multimodais. Dessa maneira, hoje em dia há domesticação das tecnologias digitais, a qual impacta – positivo e negativamente - nas práticas comunicativas e formativas dos cidadãos conectados, visto que isso faz parte do processo de mudança na relação homem-tecnologias digitais da linguagem.

Nesse sentido, a cultura textual dentro da escola desde o ensino fundamente vem sendo orientada pela Base Nacional Curricular Comum – BNCC (2018) para serem ensinados os usos de tecnologias digitais no processo de escrita, considerando que as vivências dos estudantes são mediadas pelas transformações das linguagens e das semioses das redes sociais.

Para ampliar as formas de letramentos dos estudantes, a Base Nacional Curricular Comum – BNCC, (2018) apresenta nas habilidades EF89LP03 e EF68LP07 indicações de uso dos gêneros digitais em sala de aula, dentre estes se destaca o meme.

Analisar as diferentes formas de manifestação da compreensão ativa (réplica ativa) dos textos que circulam nas redes sociais, *blogs/microblog, sites* e afins e os gêneros que conformam essas práticas de linguagem, como: comentário, carta de leitor, *post* em rede social³³, *gif*, meme, *fanfic*, *vlogs* variados, *política remix*, charge digital, paródias de diferentes tipos, vídeos-minuto, *e-zine*, *fanzine*, *fanvídeo*, *vidding*, *gameplay*, *walkthrough*, *detonado*, *machinima*, *trailer* honesto, *playlists* comentadas de diferentes tipos, etc., para ampliar a compreensão de textos que pertencem a esses gêneros e a possibilitar uma participação mais qualificada do ponto de vista ético, estético e político nas práticas de linguagem da cultura digital. (BNCC, 2018)³

3 Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/lingua-portuguesa>. Acesso em novembro de 2023.

Na verdade, o que a BNCC faz é reconhecer que escrita na sociedade contemporânea se materializa em textos multilinguagens, tendo as tecnologias digitais como amplificadores da variação social e discursiva de gêneros discursivo do digital. Dessa maneira, não se pode mais ensinar a produção textual separada das experiências vividas cotidianamente pelos seus usuários em contextos socio-digitais. Nesse mister, a BNCC (2018) espelha a realidade, mostrando como a escrita de vários gêneros textuais com tecnologias digitais empodera para a compreensão da vida on-line.

Ao examinar a mudança do papel desempenhado pelos textos, revelamos as tensões centrais das mudanças contemporâneas: novas práticas de letramento oferecem possibilidades empolgantes em termos de acesso ao conhecimento, criatividade e poder pessoal; ao mesmo tempo, o mundo social textualmente mediado fornece uma tecnologia de poder e controle, bem como de vigilância (Barton, 2009, p. 39)

Dessa perspectiva, Kress (2003) nos advertia a perceber as variações que a escrita dominante sofreria a partir da economia da informação, ou seja, com as práticas comunicativas deslocadas do modo dominante – verbal – para o modo híbrido – multimodal, a imagem assumiria a centralidade da linguagem preenchendo o sentido da tela. Assim, se posiciona as tecnologias digitais de informação e comunicação – TDIC – como ambiente ecológico das tecnologias de linguagem, cujos modos semióticos estão para além do domínio vernáculo da escrita, isto é, a produção textual na e para as telas agrega as multimodalidades – textos, vozes, imagens, etc.

4. A produção textual é cada vez mais multissemiótica

No contexto atual, considerando a realidade da social, econômica e tecnológica da sociedade e da escola brasileira, onde há milhares de analfabetos funcionais⁴ ainda é válida a defesa de que a linguagem escrita é a base da sociedade letrada? Tomados os referentes escolares sobre a relação dos brasileiros jovens com a cultura letrada, certamente, a leitura e escrita de textos monomodais compõem o arcabouço de ensino de letramentos. De outra parte, essa mesma massa de brasileiros atua dentro e fora do ambiente digital, produzindo e compartilhando conteúdos cujos multimodos semióticos formatam e dão sentidos a linguagem. “O que a propicia é um novo modo de escrever, por meio de máquinas e de redes telemáticas, alterando os letramentos e as relações

⁴Informação completa em <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/inaf-3-em-cada-10-brasileiros-nao-conseguiriam-entender-este-texto/>

das pessoas com o escrito, o texto, os formatos, as leituras, as formas de produção, publicação, edição, difusão e circulação de objetos de leitura” (Ribeiro, 2018, p. 13).

Assim, surge uma provocação à reflexão: os analfabetos funcionais, quando interagem na cultura digital com os modos sociais próprios da cultura e da linguagem digitais, executam práticas letradas para o exercício da cidadania digital? Os dados sobre a conectividade dos jovens às redes e mídias sociais são representativos, a saber: numa lista de dez países, ocupamos o segundo lugar em tempo de pessoas conectadas às redes sociais, considerando um tempo de 9 horas conexão, 4 dessas horas desse período são dedicadas a navegação em plataformas de redes sociais como Instagram, Facebook e Twitter (Teixeira, 2023)⁵.

Diante desse quadro, importante dizer que os processos comunicativos e interacionais dos brasileiros nas plataformas digitais são orientados por práticas sociosemióticas de escritas. Portanto, é necessário reconhecer que escrever em ambiente digital é representar o cotidiano mediante um olhar tempo semioticamente fundamentado nas práticas multimodalidades.

O texto produzido nesse contexto desempenha papel de poder e é essencial no estabelecimento das práticas de letramentos múltiplos, equalizando, assim, as tecnologias da linguagem aos modos sociosemióticos de recepção entre os escritores e leitores online. Nesta totalidade, as fronteiras dos espaços intelectual e comunicativo se espraiam para além da classificação de estilos e de gêneros textual artístico-literário até então classificáveis.

Escrever é a técnica institucional de poder desde a Antiguidade e foi usada para controlar a massa populacional da sociedade sem acesso à cultura escrita – livro ou quaisquer meios de interação com o letramento. Não à toa a escrita é uma tecnologia da linguagem e ficou restrita aos segmentos privilegiados das sociedades. Ascender ao domínio dela tem sido um processo revolucionário, cuja luta por acesso à cultura letrada digitalmente que cada vez mais se amplia devido às ideologias que mantêm em alta a gama de analfabetos digitais.

Peter Burke, em seu livro *Uma história social do conhecimento I: de Gutenberg a Diderot* (2003), afirma que o avanço da prensa foi permitir que letrados leigos seguissem a carreira de “homens das letras” (*virii litterati*). “Erasmus, pelo menos, teve sucesso suficiente com seus livros para se libertar da dependência de patrões” (Burke, 2003, p. 29). Diante dessas provocações, cartografo um percurso para serem mostradas as contribuições da escrita literária na sociedade

5 Leia mais no texto original: (<https://www.poder360.com.br/tecnologia/brasil-e-o-2o-pais-com-maior-tempo-de-tela-diz-pesquisa/>)

digital, onde a literatura ganhou as telas de dispositivos móveis e passou a reorganizar o modo de produzir e de ler “da arte da palavra”.

A escrita, como todos os instrumentos tecnológicos de comunicação, serviu mais diretamente aos ideais dominantes do que às necessidades da massa. Porém, o que vemos hoje, com a presença das tecnologias digitais de informação e comunicação disponibilizadas aos cidadãos comuns, a escrita, inclusive, a literária, permite cada vez mais a “liberdade” de publicação do autor.

Lévy (2000) argumenta: a escrita e o Estado mantiveram relações íntimas. O Estado serviu-se dos princípios orientadores e misteriosos da escrita, especialmente da literatura enquanto arte da palavra na representação artística da sociedade, para manter a ordem de seu discurso sem haver ornamentos (lembremo-nos que a maioria da população ainda não domina a escrita e a leitura).

Através da escrita, o poder estatal comanda tanto os signos quanto os homens, fixando-os em uma função, designando-os para um território, os ordenados sobre uma superfície unificada. Através dos anais, arquivos administrativos, leis, regulamentos e contas, o Estado tenta de todas as maneiras congelarem, programar, represar ou estocar seu futuro e seu passado. (...) A escrita permite uma situação prática de comunicação radicalmente nova. Pela primeira vez os discursos podem ser separados das circunstâncias particulares em que foram produzidos (Lévy, 2000, p. 105).

A escrita na sociedade contemporânea é mais do que instrumento tecnológico, é tecnologia da linguagem e, portanto, ferramenta social e ideológica que permite, embora de forma unilateral, a participação da comunidade no registro de seus feitos.

De acordo com Burke (2003), apesar de ter havido grandes escritores de sucessos na era de Gutemberg, naquele período havia também os autores que não conheceram o sucesso literário “o rebotalho da literatura”, conforme dizia Voltaire. Passados mais de dois séculos, essa marcação é difusa, uma vez que, a *web* através da ascensão das redes sociais nos meios de comunicação digital permitiu que escritores de ou sem sucesso literário se encontrassem para a expressão e socialização de suas produções ao grande público.

Dessa forma, ao produzir gêneros textuais e literários na *web*, o escritor trabalha construindo uma escritura que, além de parágrafos e sentenças, produzem práticas de letramentos sociais carregadas de sentidos àqueles que compartilham da interação nos enunciados. Desse ponto de vista, as produções literárias na *web* autorizam aos praticantes se sentirem autores-escretores de seus pensamentos que, na maioria das vezes, é respaldada por uma audiência leitora-escritora.

Escritas da *web* carregam múltiplas e amplas linguagens, a ponto de permitir que sujeitos transitem em ambientes complexos de criação, co-criação e leitura individuais, coletivas e complexas.

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se, não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua e, *especialmente, a web* (grifo meu) como lugar de trabalho com a escrita, mostram orientações de letramento muito diferentes. (Kleiman, 2006, p. 20).

Com a escrita sendo usada como tecnologia da linguagem para o registro social da vida contemporânea, transformações imaginativas levaram a construção de interfaces culturais. As tecnologias digitais alteraram o modo como usamos a escrita, as práticas de letramentos continuam a reorganizar as maneiras de se expressar, seja no papel ou na tela, pois

... citar, pastichar ou reciclar, com uma vaga ironia desprovida de qualquer projeto, (...) A arte moderna, que surgira com escândalo, em ruptura com o público, está por toda parte. (...) A literatura, que durante séculos ocupara um papel relevante na vida social, tornou-se cada vez menos importante. Na “sociedade do espetáculo” (Guy Debord), a escrita literária fica confinada a um espaço restrito na mídia, pelo fato de se prestar pouco à espetacularização (Perrone-Moisés, 1998, p. 177).

A escrita é capaz de transformar a mente e reestruturar a consciência. A partir do momento em que se aprende a ler e a escrever multimodalmente se ampliam as possibilidades de interação social. Os seres humanos são únicos seres capazes de se comunicar, de transformar e conhecer o mundo através da escrita. “A escrita, além de permitir fazer coisas novas, transforma a fala e a linguagem em objetos de reflexão e análise”. (Vigotsky, 1994; Luria, 1986, *apud* Freitas, 2006, p. 32).

No ambiente digital, as transformações surgiram da necessidade de o homem se comunicar de múltiplos modos e de forma rápida. Para haver comunicação se faz necessário usar os gêneros discursivos e textuais, seja numa conversa formal ou informal. “[...] Sem a escrita, a mente letrada não pensaria e não podia pensar como pensa, não apenas quando se ocupa da escrita, mas normalmente, até mesmo quando está compondo seus pensamentos de forma oral. Mais do que qualquer outra invenção individual, a escrita transformou a consciência humana” (Ong, 1998, p. 93, *apud* Freitas, 2006, p. 31). Como toda mudança, a produção textual na e para as redes sociais

digitais se apropriou de elementos semióticos – imagem, fotografia, infográficos, mapas, cores, layout, tipografias, etc. – avança sobre as práticas textuais tradicionais, ou seja, as comunicações antes feitas por carta, foram substituídas pelas mensagens de WhatsApp, etc.

Assim sendo, o potencial da escrita no desenvolvimento cognitivo dos seres humanos é inquestionável, “[...] sem a escrita, a mente letrada não pensaria e não podia pensar como pensa, não apenas quando se ocupa da escrita, mas normalmente, até mesmo quando está compondo seus pensamentos de forma oral. Mais do que qualquer outra invenção individual, a escrita transformou a consciência humana” (Ong, 1998, p. 93, *apud* Freitas, 2006, p. 31). A escrita enquanto tecnologia da linguagem é capaz de transformar a mente e reestruturar a consciência. A partir do momento em que se aprende a ler e a escrever ampliam-se as possibilidades de interação social. Nessa perspectiva, os seres humanos são únicos seres capazes de se comunicar, de transformar e conhecer o mundo através de textos.

O avanço das Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação - TDIC – e, com elas, as Redes sociais (*weblogs, Twitter, WhatsApp, Facebook, etc.*) surgiu entre os jovens uma nova forma de escrita literária e comunicativa, o internetês ou estilo *on-line*, minicontos, poeiris, memes, etc. O internetês é uma linguagem/código escrito utilizado pelos internautas no com o intuito de agilizar a comunicação no ambiente digital, principalmente em sites de relacionamentos. "O internetês é uma recriação gráfica das línguas escrita e falada preexistentes, enriquecida com representações e simbologias", (BISOGNIN, 2009, p. 8).

Como já fora dito por Saussure, a linguagem é um fator social, não obstante, para os jovens conectados pelas redes sociais, a escrita é tecnologia da linguagem, pois os mesmos se identificam com seus grupos a partir da sua linguagem. A modalidade de linguagem utilizada pelos jovens na *web* não contraria Saussure quando ele diz que a “língua é um sistema de signos que exprimem ideias” (BISOGNIN 2009, p.23, citando SASSURE, 2004, p. 24). É conhecendo os ambientes virtuais, vivenciando novas experiências, interagindo com pessoas das mais variadas localidades e faixas etárias, que os sujeitos vão expor as suas ideias e seus pensamentos e construindo as suas identidades, escritores e leitoras na conjuntura do letramento e da literatura digitais.

A escrita surge da necessidade de o homem se comunicar e sua importância na formação do sujeito possibilita a interação das mais variadas culturas. Ao se falar de formação do sujeito, entende-se que não existe um sujeito universal, e consoante as teorias marxistas, tornamo-nos sujeitos a partir das relações sociais que estabelecemos com o mundo das linguagens e suas tecnologias.

Assim, a escrita desde seu surgimento vem passando por grandes transformações; criaram-se tecnologias que vieram favorecer o surgimento de novos modos de escrita, e a escola tem que está preparada para receber essas tecnologias e fazer um bom uso delas para que ajudem na aprendizagem do código escrito pelos seus alunos.

Existe, pois, na combinação de unidades linguísticas, uma escala ascendente de liberdade. Na combinação de traços distintivos em fonemas, a liberdade individual do que fala é nula; o código já estabeleceu todas as possibilidades que podem ser utilizadas na língua em questão. A liberdade de combinar fonemas em palavras está circunscrita; está limitada à situação marginal de criação de palavras... Ao formar frases com palavras, o que fala sofre menor coação. E, finalmente, na combinação de frases em enunciados, cessa a ação de regras coercitivas da sintaxe e a liberdade de qualquer indivíduo para criar novos contextos cresce substancialmente, embora não se deva subestimar o número de enunciados estereotipados. (Jakobson, *apud* Barreto; Baldinotti 2005, p.23)

Sendo a escrita uma representação gráfica do discurso, no ambiente virtual não é diferente, pois, segundo Barreto e Baldinotti (2005) “emissor e receptor negociam um com o outro o código e o sentido que as palavras devem assumir durante o ato linguístico-comunicativo” (Barreto; Baldinotti, 2005, p.25).

CONCLUSÃO

Com efeito, é urgente a construção de uma consciência coletiva sobre o ensino e a aprendizagem de produção textual inclusivas da multimodalidades em que a escrita e seja posta horizontalmente ante aos demais modos semióticos disponíveis à comunicação, na qual, os profissionais da educação entendam que as tecnologias da linguagem e do discurso fazem parte do cenário educativo e processual de práticas de interação do mundo contemporâneo das redes sociais digitais.

Os gêneros de discursos produzidos na *web* são produções que se hibridizam no universo da informação, dando ao leitor maior oportunidade de interpretação, devido as múltiplas semioses nelas formatadas no cotidiano digital, onde textos e imagens se coadunam como produção coletiva de textos. Dessa maneira, atividades com textos de circulação social devem buscar a compreensão de ideias neles contidas por meio de leitura plena dos modos semióticos registrados no papel e na tela digital. Para que isso ocorra com responsabilidade, é fundamental que o profissional da linguagem – professor de língua portuguesa – promova a interação com os interlocutores – estudantes da educação ao ensino superior – visando letramentos múltiplos de todos.

A escrita é instrumento mediador da aprendizagem e, portanto, ela se estabelece em variados espaços cultural, social e político. Com isso, a utilização de práticas textuais no fazer cotidiano da

escola e da vida social é uma realidade a ser considerada no sentido de se formar sujeitos mediadores de linguagens e de discursos.

Isto posto, associam-se práticas com tecnologias das linguagens na internet e suas plataformas de redes sociais. Assim, a produção textual realizadas por pessoas com e mediante máquinas relavam os modos semióticos constituintes das tecnologias da linguagem e das “tecnologias discursivas” (LEMKE, 2001) em que os corpos individual e coletivo servem como materialidade discursiva influenciadora e simbólica da materialidade das multimodalidades de texto e imagem circulantes nas redes sociais digitais e na escola.

Por fim, passados mais de duas décadas, o pensamento da *New London Group* (1996), de que a globalização levaria ao estreitamento das fronteiras ao mesmo tempo em que as tecnologias digitais de informação e comunicação – TDIC – ampliariam os canais e meios de comunicação por onde a diversidade cultural e linguística para a produção textual seria responsável pelos significados sociais em que os modos: visual, audio, espacial, comportamental são representados nas multimodalidades das linguagens formatadoras do texto. (NLG, 1996, p. 63-64).

Em suma, este artigo destaca a importância de compreender as multimodalidades no papel e nas telas digitais, reconhecendo o texto como um modo semiótico complexo. A convergência de diferentes linguagens e a influência da tecnologia da linguagem e do discurso moldam a forma como nos comunicamos e entendemos o mundo ao nosso redor. Ao explorar essas dinâmicas, podemos melhorar nossa capacidade de navegar e aproveitar os benefícios dessas transformações na comunicação textual.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BARRETO, Pereira Robério. “**Weblogs e as práticas internacionais de escrita: webletramentos.**” Salvador, 30 de agosto de 2013.

BARRETO, Pereira Robério. **De fora para dentro: memes e as práticas multimodalidades na sala de aula de língua portuguesa.** in: Antropologia do visual: visão crítica da realidade sociocultural 2. PURIFICAÇÃO, M. Marcelo; BORGES, J. Angélica de Melo; SOUZA, Felipe Silva

BARTON David e LEE Carmen Linguagem online: textos e práticas digitais [Livro]. - São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

CASTELLS, M. A sociedade em rede. 11. ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.

FREIRE Paulo A importância do ato de ler. [Livro]. - São Paulo: Cortez, 1989. - Vol. 1.

KENSKI, Vani M. Múltiplas linguagens na escola. In: CANDAU, Vera M. (Org. Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KRESS G. Literacy in the New Media Age. [Livro]. - Londres: Routledge, 2003.

LEMKE J. L. Discourse Technologies and the social organization of meaning. [Livro]. - [s.l.]: Folia Linguistica, 2001. - Vol. 35.

LEMKE, J. L. “**Letramento metamidiático: transformando significados e mídias.**” www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132010000200009&script=sciarttext. 07 de julho de 2015. www.scielo.br (acesso em 07 de 2022 de 2007).

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed 34, 1993.

_____. Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARQUES, Mário Osório. A escola no computador: linguagens rearticuladas, educação outra. Ijuí: Ed. Ijuí, 2003.

PUCHNER Martin O mundo da escrita: Como a literatura transformou a civilização. [Livro]. - São Paulo: Companhia das letras, 2019. - Vol. 1.

RIBEIRO Ana Elisa Escrever, hoje: Palavra, imagem e tecnologias digitais na educação [Livro]. - São Paulo: Parábola, 2018.

SANTAELLA Lúcia. Cidades inteligentes: por que, para quem? [Livro]. - São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016. - Vol. 1.

TEIXEIRA, Eduarda. “<https://www.poder360.com.br>.” Site de O poder 360. 23 de abril de 2023.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

* Graduado em Letras, Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Língua Espanhola e respectivas Literaturas (licenciaturas) pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Mestrado pelo Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutor pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus V – Colegiado de Letras, Língua e literatura de língua espanhola – Pesquisador e Coordenador do Grupo de Estudos em Linguagens e Letramentos em Mídias e Ambientes Digitais - GELLMAD, Professor Permanente do quadro Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) e Programa de Pós-Graduação em Tecnologias das Linguagens (PPGTEL) UNEB. Pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia, Brasil. Poeta, Contista, Haicaista, Poetrixista. Endereços eletrônicos: jpgbarreto@gmail.com; rparreto@uneb.br